

A ludicidade na clínica infantil sob a perspectiva fenomenológico-humanista

Playfulness in Child Psychotherapy from a Phenomenological-Humanistic Perspective

Bárbara Cristina Niero^a, Fábio Siqueira Neves^b, Giuliana Maroni Picchetto^b

a: Psicóloga, Doutora e Coordenadora do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, Brasil

b: Graduandos do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, Brasil

RESUMO

A ludicidade, na clínica infantil, constitui uma via privilegiada para acessar a experiência vivida da criança, especialmente quando compreendida sob a perspectiva fenomenológica e humanista. O brincar é entendido não apenas como atividade espontânea, mas como forma de expressão existencial que revela modos singulares de perceber, sentir e significar o mundo. Este estudo teórico tem como objetivo discutir o papel do brincar no encontro terapêutico, destacando a importância da presença autêntica, da escuta sensível e da suspensão de julgamentos como fundamentos éticos e clínicos. Para atingir esse objetivo, adotou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com delineamento bibliográfico. Alinhado ao humanismo e à fenomenologia, argumenta-se que a ludicidade favorece processos de simbolização, integração emocional, autonomia e construção de sentido, configurando-se como dimensão essencial para uma clínica que reconhece a criança como sujeito em desenvolvimento e em relação.

Descritores: psicoterapia infantil, ludicidade, fenomenologia, humanismo.

ABSTRACT

Playfulness in child psychotherapy constitutes a privileged path to access the child's lived experience, particularly when grounded in phenomenological and humanistic perspectives. Play is understood not merely as spontaneous activity, but as an existential mode of expression through which unique ways of perceiving, feeling, and making meaning of the world emerge. This theoretical study aims to discuss the role of play in the therapeutic encounter, emphasizing authentic presence, sensitive listening, and suspension of judgment as ethical-clinical foundations. To achieve this objective, a qualitative, exploratory, bibliographic research design was adopted. Based on humanistic and phenomenological principles, it argues that playfulness promotes symbolization, emotional integration, autonomy, and meaning-making, thus establishing itself as an essential dimension of a clinical practice that recognizes the child as a developing and relational subject.

Descriptors: child psychotherapy, playfulness, phenomenology, humanism.

INTRODUÇÃO

Iniciar atendimentos clínicos com crianças representa, para muitos estudantes de psicologia, um momento marcado por dúvidas e inseguranças. Questões como, “como escutar uma

criança?”, “como manejar a sessão quando a criança não se comunica?” “como perceber o que é expresso de forma simbólica?” são frequentes.

Ao longo da formação em Psicologia, os estudantes têm contato com diversas abordagens teóricas e discussões acerca do desenvolvimento humano. Contudo, nem sempre estes saberes parecem elucidar os desafios do atendimento clínico na infância, uma vez que este se constitui como um contexto dinâmico e volátil, demandando dos psicoterapeutas uma preparação sólida e estratégia para aplicação de intervenções e análises. Dessa forma, cabe ao psicoterapeuta buscar distintas fontes de saberes de forma a aprimorar sua atuação, não deixando de lado suas intuições e priorizando sempre o vínculo com o paciente¹.

Considerando o aporte teórico da Psicologia Humanista no atendimento de crianças, como apontam Bezerra e Cury (2023)², a experiência da relação entre o psicoterapeuta e a criança manifesta a intersubjetividade em diversas camadas que precisam ser significadas. Ainda, a interação do eu com o outro representa uma instância essencial no desenvolvimento infantil, permitindo que a criança construa sua compreensão de alteridade no campo da vivência empática, permitindo uma constituição individual que se complexifica gradativamente².

A infância é um período marcado por intensos processos de desenvolvimento emocional, cognitivo e relacional. As manifestações verbais durante esse período nem sempre são suficientes para a expressão da totalidade do mundo interno da criança, de suas emoções, conflitos e formas de interagir com a realidade externa. Nesse sentido, o brincar surge como um recurso legítimo de expressão e comunicação.

A ludicidade, portanto, não é um adorno da prática clínica com crianças, mas um eixo estruturante da escuta e manejo terapêuticos. Trata-se de uma ferramenta clínica e, não apenas um momento de lazer, porque o brincar na clínica também pode ser um momento de lazer, sem prejuízo para o papel terapêutico, sendo uma das mais relevantes formas para se trabalhar na terapia com crianças. A brincadeira torna-se o diálogo entre psicoterapeuta e paciente. A partir dela, se desvela o que poderá acontecer entre na relação criança-psicólogo bem como seus desdobramentos psicoterapêuticos³.

Gadelha e Menezes⁴ atentam para a necessidade do uso da criatividade por parte do psicoterapeuta, pois cada brinquedo, jogo ou brincadeira pode ser utilizado com diversas funções, a depender da criança e de como ela responde à dinâmica proposta. Decorre, portanto, que diversos objetos podem ser considerados brinquedos, contanto que a criança emita uma única resposta: brincar.

Dessa forma, o atendimento clínico de crianças apresenta especificidades que exigem do psicoterapeuta uma escuta sensível e o domínio de recursos que transcendam a comunicação

verbal, sendo a ludicidade uma das principais vias de expressão infantil. O presente artigo tem como objetivo discutir, por meio da análise da bibliografia de aporte humanista, o papel da ludicidade como recurso de escuta e expressão na clínica infantil, articulando reflexões teóricas sobre sua relevância para o processo psicoterapêutico e a formação do terapeuta, adotando um delineamento de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentado em revisão bibliográfica.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, voltada à análise dos conceitos de ludicidade na psicoterapia infantil e à identificação de produções atuais relacionadas ao tema. Foram consultados materiais nos seguintes indexadores científicos: Scientific Electronic Library Online/SciELO, Periódicos de Psicologia /PePSIC e Google Acadêmico. Utilizaram-se as seguintes palavras-chave para a busca: ludicidade; brincar; psicoterapia infantil; fenomenologia; psicologia humanista; atendimento clínico infantil. O critério de inclusão adotado foi a pertinência das publicações para a discussão proposta, considerando obras que abordam a ludicidade, o brincar e suas implicações clínicas no contexto da psicoterapia infantil. Foram excluídos materiais repetidos, desatualizados ou que não dialogassem diretamente com a temática central. A análise dos materiais selecionados ocorreu por leitura interpretativa, com ênfase nos fundamentos da abordagem humanista e nos desdobramentos clínicos apresentados pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob a lente da perspectiva humanista, este estudo concentra-se na valorização da experiência da criança como protagonista do seu processo psicoterapêutico. A abordagem privilegia a criação de um espaço seguro, acolhedor e não diretivo, que permita à criança expressar sentimentos, explorar ideias e construir significado a partir de suas próprias escolhas, seja por meio do brincar ou da produção artística. Nesse contexto, a intervenção não se restringe a atividades pré-determinadas, mas busca respeitar a espontaneidade e a individualidade de cada criança, favorecendo o engajamento, a confiança e o vínculo terapêutico. Conceitos humanistas centrais incluem empatia, aceitação incondicional, autenticidade e valorização da experiência subjetiva da criança, entendida como a capacidade de perceber, reconhecer e responder às próprias emoções de maneira genuína e confiável ^{5, 6}.

A escuta da infância requer compreensão dos modos infantis de expressão, em que o brincar e a arte são elementos centrais. Rogers (1977)⁵ destaca a importância da empatia e do

ambiente de aceitação incondicional para o desenvolvimento da confiabilidade e espontaneidade. Empatia, nesse contexto, refere-se à habilidade do terapeuta de compreender profundamente o mundo interno da criança e validar suas experiências, criando condições para que ela se sinta segura para explorar e se expressar livremente. Ressalta-se ainda que o desenvolvimento da autoatualização da criança é favorecido quando suas experiências são respeitadas e validadas ⁵.

May ⁶ e Lowenfeld ⁷ apontam a arte como meio pelo qual a criança pode significar suas experiências contribuindo para a expressão simbólica e para a construção da identidade emocional. Lowenfeld enfatiza que a criatividade não é apenas uma habilidade artística, mas um indicador do crescimento emocional e da capacidade de simbolização da criança, permitindo que experiências internas sejam externalizadas de forma significativa. May reforça a importância de viver autenticamente o momento presente, promovendo consciência e desenvolvimento da identidade. Estudos de Camargo e Petrini ⁸ ressaltam a ludicidade como ferramenta essencial para a expressão simbólica de emoções, sobretudo quando a linguagem verbal ainda não está plenamente estruturada, permitindo que a criança comunique sentimentos e pensamentos de maneira não-diretiva, mas significativa.

Axline⁹ reforça que, na terapia lúdica, qualquer tipo de atividade pode ser utilizada desde que proporcione expressão livre e fortaleça o vínculo terapêutico. O que realmente importa não é a escolha de uma brincadeira específica, mas sim criar um espaço seguro e acolhedor que permita à criança se expressar livremente e manifestar seus sentimentos e experiências. Essa orientação deve fundamentar a escolha de atividades flexíveis nas sessões, como por exemplo, pintura, jogos de cartas ou até mesmo construção de aviões de papel, permitindo, inclusive, que a criança participe ativamente das escolhas. Essa perspectiva é corroborada por estudos recentes, que indicam que a prática lúdica orientada humanisticamente favorece engajamento, expressão emocional e vínculos seguros, fornecendo suporte empírico para a abordagem adotada¹⁰.

Dessa forma, a ludicidade e a expressão artística não são vistas como fins em si mesmos, mas como instrumentos centrais para a construção de vínculo terapêutico, exploração emocional e desenvolvimento da autonomia, em consonância com os princípios da psicoterapia humanista.

A ludicidade e a escuta fenomenológica-humanista

A ludicidade, no contexto fenomenológico-humanista, é compreendida como expressão legítima da existência infantil. O brincar não opera como técnica instrumental, mas como

linguagem simbólica que comunica afetos, necessidades e sentidos subjetivos. Ao brincar, a criança organiza experiências, experimenta possibilidades e constrói significados sobre si e sobre o mundo. Essa compreensão desloca o foco da interpretação para o acolhimento da experiência tal como se apresenta.

No setting clínico, o encontro entre a criança e o terapeuta ocorre no espaço lúdico. A presença autêntica e a escuta sensível permitem que a vivência da criança emergja de forma espontânea, sem demandas de adaptação ou performance. A relação se sustenta na confiança e no reconhecimento da criança como sujeito em desenvolvimento, capaz de expressar e elaborar sua experiência quando encontra um ambiente seguro e respeitoso.

A postura fenomenológica implica suspender julgamentos e teorizações prévias, acompanhando a manifestação do fenômeno no “aqui-e-agora” do brincar. A ludicidade torna-se, assim, via de acesso à experiência vivida e campo de encontro intersubjetivo, onde sentido e compreensão emergem da relação e não de interpretações externas.

Nesse horizonte, a ludicidade favorece processos de simbolização, integração emocional e autonomia. Ao ser acolhida em sua espontaneidade, a criança encontra espaço para experimentar, criar, nomear sentimentos e reorganizar sua experiência. Para o terapeuta em formação, tal compreensão amplia a prática clínica e sustenta uma ética de cuidado centrada no respeito à singularidade e ao movimento próprio da criança.

Conforme discutido no referencial teórico, a perspectiva humanista e fenomenológica compreende o brincar como forma legítima de expressão e encontro com o mundo vivido da criança.

Reflexões teórico-clínicas sobre o uso da ludicidade

A prática clínica com crianças evidencia que a ludicidade ocupa um lugar central na constituição do vínculo terapêutico e na possibilidade de expressão subjetiva. No setting, o brincar emerge como campo relacional no qual a criança pode experimentar ser, comunicar-se e organizar suas vivências internas.

Para o terapeuta em formação, a experiência com o brincar convoca uma postura de abertura, disponibilidade e respeito ao ritmo singular da criança. O manejo clínico exige presença sensível, tolerância ao silêncio, acolhimento da imprevisibilidade e capacidade de sustentar o espaço lúdico sem direcioná-lo.

A ludicidade, nesse contexto, não se reduz a uma técnica, mas se torna uma forma de encontro. É no gesto espontâneo, no movimento criativo e na fluidez do brincar que a relação

terapêutica pode se estabelecer com autenticidade. A escuta se faz menos pela interpretação e mais pela presença, permitindo que sentidos emergentes ganhem forma a partir da experiência compartilhada.

Assim, a vivência clínica reforça que o brincar oferece ao terapeuta uma via privilegiada para acessar o mundo da criança e, ao mesmo tempo, desenvolver competências relacionais fundamentais para o exercício ético e sensível da psicoterapia fenomenológico-humanista.

A ludicidade funciona como linguagem de acesso ao mundo interno do paciente infantil, abrindo caminhos de comunicação, fortalecendo o vínculo terapêutico e facilitando a expressão emocional. Na perspectiva humanista, a expressão emocional é vista como fundamental para o desenvolvimento pessoal e a promoção de habilidades de enfrentamento saudáveis ¹¹.

A literatura sobre psicoterapia infantil na perspectiva humanista indica que o brincar constitui não apenas uma atividade expressiva, mas um modo de ser-no-mundo da criança^{5,9,2}. Nesse contexto, a ludicidade caracteriza-se como ferramenta clínica essencial. No atendimento infantil, o psicoterapeuta deve flexibilizar sua escuta. O setting clínico precisa acolher o ritmo da criança e respeitar sua forma de expressão, muitas vezes mediada por imagens, gestos e silêncios.

A ludicidade, nesse sentido, não atua como meio de apoio ou preparatório para a fala, mas como forma plena de significação. Ao brincar, a criança organiza simbolicamente suas experiências e encontra um espaço seguro para vivenciar afetos, conflitos e possibilidades de existir. O terapeuta, ao permanecer presente e responsivo, sustenta um campo relacional que favorece a emergência de sentidos e promove o desenvolvimento de recursos internos para lidar com desafios emocionais⁹.

Sob a ótica fenomenológico-humanista, o foco não está em interpretar conteúdos latentes, mas em acolher o modo como a criança se revela no ato lúdico. O brincar situa-se como fenômeno vivido no aqui-e-agora da relação, permitindo que a criança experimente ser com o outro em um ambiente de autenticidade, respeito e aceitação¹².

A presença terapêutica, portanto, torna-se elemento central. A sensibilidade ao movimento espontâneo da criança, a atenção às nuances expressivas e a disponibilidade para acompanhar seu ritmo compõem o núcleo do trabalho clínico. Nesse processo, o terapeuta não conduz o brincar, mas o acompanha com curiosidade genuína e abertura, favorecendo que novas formas de ser possam emergir na experiência compartilhada.

Esse entendimento destaca a importância de uma postura clínica que privilegia o encontro e a construção conjunta de sentido. A ludicidade, ao oferecer uma via natural de expressão para

a criança, consolida-se como recurso fundamental na prática psicoterapêutica fenomenológico-humanista, fortalecendo o vínculo terapêutico e ampliando o acesso às vivências internas de modo ético, sensível e respeitoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos (compreender o papel da ludicidade no encontro terapêutico e discutir suas implicações na clínica infantil sob a perspectiva fenomenológico-humanista) foram atendidos a partir da pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, que possibilitou reunir e analisar produções atuais pertinentes à temática.

A ludicidade, na clínica infantil, revela-se como espaço privilegiado de encontro, expressão e construção de sentido. Na perspectiva fenomenológico-humanista, o brincar não é entendido como recurso auxiliar, mas como forma legítima de existência e comunicação da criança. É por meio dele que emergem modos singulares de estar-no-mundo, possibilitando a elaboração de experiências e o fortalecimento da autenticidade.

O papel do terapeuta, nesse contexto, sustenta-se na presença sensível, na aceitação incondicional e na abertura ao fenômeno tal como se apresenta, evitando enquadramentos rígidos e interpretações precipitadas. A postura clínica orientada pela escuta fenomenológica convida o profissional a acompanhar a experiência viva da criança, respeitando ritmos, fronteiras e silêncios, reconhecendo o brincar como linguagem plena e constitutiva.

Refletir sobre a ludicidade nesse horizonte teórico evidencia que, mais do que técnica, trata-se de atitude ética e relacional. A prática com crianças exige do psicólogo contato autêntico consigo mesmo, disponibilidade afetiva e capacidade de sustentar a imprevisibilidade própria do campo terapêutico. Ao valorizar a espontaneidade e o encontro, a abordagem fenomenológico-humanista contribui para a construção de um ambiente clínico que favorece o desenvolvimento da autonomia e da liberdade expressiva infantil.

Essas reflexões reforçam a relevância da ludicidade como fundamento na clínica com crianças e ressaltam sua importância para a formação do psicólogo. Ao compreender o brincar como via de acesso ao mundo vivido da criança, amplia-se não apenas o olhar clínico, mas também o compromisso ético com uma prática orientada ao respeito, à singularidade e ao potencial de crescimento presente em cada sujeito.

REFERÊNCIAS

1. Tanure PGA, Pinto PPS. Percepção de psicólogos acerca da importância do brincar espontâneo para o desenvolvimento da criança. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://revista.liberato.com.br/index.php/liberato/article/download/922/1044>. Acesso em: 2 jul. 2025.
2. Bezerra MCS, CURY VE. *A experiência intersubjetiva na ludoterapia humanista sob uma perspectiva fenomenológica*. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 43, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003250265>. Acesso em: 3 jul. 2025.
3. Jost D, Macedo M. Gestalt-terapia com crianças: a ludicidade no processo terapêutico. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/boletimsis/article/view/18003>. Acesso em: 1 jul. 2025.
4. Gadelha YA, Menezes IN. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental infantil. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/523>. Acesso em: 2 jul. 2025.
5. Rogers CR. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
6. May R. A coragem de criar. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
7. Lowenfeld V. Creative and mental growth. New York: Prentice-Hall, 1947.
8. Camargo DP, Petrini GS. A ludicidade no atendimento clínico infantil. Curitiba: Juruá, 2016.
9. Axline VM. Play Therapy. New York: Ballantine Books, 1969. Disponível em <https://archive.org/details/playtherapy0000axli/mode/>. Acesso em: 04 out. 2025.
10. Bratton SC, Ray D, Rhine T; Jones L. The efficacy of play therapy with children: a meta-analytic review of treatment outcomes. Professional Psychology: Research and Practice, v. 36, 2005. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/232438673_The_Efficacy_of_Play_Therapy_With_Children_A_Meta-Analytic_Review_of_Treatment_Outcomes. Acesso em: 04/10/2025.
11. Costa D. Ética e processos psicoterapêuticos: abordagens clínicas em psicologia. Epitaya, 2024. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/download/952/803>. Acesso em: 6 out. 2025.
12. Therense M. O processo ludoterapêutico na perspectiva fenomenológico-existencial das crianças em atendimento clínico. Phenomenological Studies, v. 25, n. 1, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6798987.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2025.

CONTATO

Fabio Siqueira Neves: fabiojubi@gmail.com